
Masculinidades, normalidade e violência masculina. Uma abordagem a partir da Hannah Arendt.

Elizabeth Gómez Etayo¹
titaetayo@hotmail.com

Recibido: 31/08/2011

Aprobado evaluador interno: 14/09/2011

Aprobado evaluador externo: 24/09/2011

Resumo

Esta reflexão sobre masculinidades, normalidade e violência masculina surge da minha pesquisa de Doutorado em ciências Sociais, cuja tese foi intitulada: “Nem anjos, nem demônios: homens comuns. Narrativas sobre masculinidades e violência de gênero”; nela abordo as percepções dos homens que agridem sobre a própria violência de gênero. A abordagem conceitual desta tese partiu do conceito de *normalidade* proposto por Hannah Arendt na reportagem que autora fez de *Eichmann em Jerusalém*. Apresento neste artigo uma reflexão sobre as masculinidades como um campo de estudos em consolidação e sua articulação com a violência de gênero a partir desta tese arendtiana.

Palavras chave

Masculinidades- normalidade- violência de gênero.

Resumen

Esta reflexión sobre la masculinidad, la violencia masculina y la normalidad se debe a mi investigación de doctorado en ciencias sociales, cuya tesis se titula Ni los ángeles ni los demonios: el hombre común. Relatos sobre la masculinidad y la violencia de género, que aborda las percepciones de los hombres que asalto a la razón de género muy violencia. El enfoque conceptual de esta tesis se basa en el concepto de normalidad propuesta por Hannah Arendt en el artículo que hizo el autor de Eichmann en Jerusalén. Este documento presenta una reflexión sobre la masculinidad como un campo de estudios sobre la consolidación y su relación con la violencia de género de esta tesis de Arendt.

Palabras clave

Masculinidades, normalidad, violencia de género.

1. Elizabeth Gómez Etayo es Socióloga, Mg em Sociologia, PhD em Ciências Sociais. Docente Universidad Autónoma de Occidente.

Introdução

Quando me interessei pelo estudo de homens e masculinidades não foram poucas as vozes feministas que me instigavam a continuar pesquisando sobre mulheres, pois, segundo elas, os homens têm seus próprios intelectuais para pensar sobre as suas questões. Naquele momento não sabia como responder, embora sentisse que o meu interesse pelo “mundo dos homens” não era uma cisão nas nossas reflexões femininas e feministas e sim uma tentativa de abrir um diálogo e construir pontes entre esses dois mundos. Tecendo diálogos e pensamentos, comecei a experimentar vários movimentos internos, movimentos anímicos que lutavam buscando formas.

As contradições entre o mundo externo, o mundo das aparências e o meu mundo interior não demoraram a emergir. Desenho a partir de agora esses movimentos e os pontos de encontros que foram tecendo a presente rede e arriscam não respostas, mas, melhores perguntas ao redor do tema das masculinidades, sua relação com o poder e com a violência, abordo aqui a violência de gênero a partir do conceito de *normalidade* proposto pela teórica política Hannah Arendt.

Quando Hannah Arendt acompanhou o julgamento de *Eichmann em Jerusalém* a autora se deu conta

que ele, Eichmann, não era a encarnação do mal, nem o monstro que todos esperavam encontrar, - inclusive ela-, e sim um homem normal; comum, que executa seu ofício obedecendo a regras estabelecidas, próprias do seu tempo e do seu contexto político. Eichmann era um homem que executava ações diligentemente, mas que não pensava nas consequências delas.

Como sabemos, Eichmann foi tenente-coronel da SS durante Alemanha Nazi. Ele foi o grande responsável pela logística de extermínio de milhões de judeus durante o Holocausto, que foi chamada de “solução final”, organizando a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido como o executor-chefe de Terceiro Reich. Ele foi preso no fim de 1960 em um subúrbio de Buenos Aires por uma equipe de agentes secretos israelitas e foi julgado em 1961 por um tribunal especializado em Israel. Hannah Arendt fez a cobertura da notícia do julgamento de Eichmann, como repórter enviada pela revista “The New Yorker”, que esperava que ela fizesse uma ampla descrição desse maligno ser, porém, o que ela nos ofereceu, a partir dessa experiência, foi sua tese sobre a *banalidade do mal*, baseada na caracterização do que ela chamou

de *normalidade*, conceito que usei na minha pesquisa.²

Embora Arendt não seja uma teórica nem das masculinidades nem da violência de gênero, achei instigante seu conceito de *normalidade* porque a partir dele podem-se pensar os homens agressores, como homens *normais* com os quais compartilhamos nossa sociabilidade. Arendt afirma que:

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante de que todas as atrocidades juntas, pois implicava que (...) esse era um tipo de novo criminoso, efetivamente *hostil generis humani*, que comete seus cri-

mes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado.³

Todavia, o pior é que há em todos e cada um de nós, esses rastros de *normalidade*, pois todos e cada um de nós, cá e lá, submetemo-nos aos padrões instituídos sem ressignificá-los. Inspirada nesta teórica, minha hipótese é que os homens que agridem as suas parceiras sentimentais ou que agridem mulheres no geral, estão normatizados por um padrão de educação não só aceito, mas que, inclusive hoje, é *exigido socialmente*.⁴

Não obstante, cada vez mais são menos os homens que se encaixam nesse arquétipo de homem tradicional, violento e machista, pois segundo várias pesquisas sobre masculinidades,⁵ os homens heterossexuais na contemporaneidade esta-

2. Arendt, Hannah. (1999), *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, São Paulo, Companhia das Letras.
3. *Ibid.*, p. 299.
4. Lorente-Acosta, Miguel. (2008), "El agresor de género: acciones y reacciones del posmachismo". La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres, Madrid, pp.162-177.
Miguel Lorente-Acosta é um psiquiatra espanhol reconhecido pela sua engajada participação no combate da violência de gênero na Espanha. Em uma palestra apresentada no X Congresso Internacional: "Mundos de Mulheres" realizado em Madrid em 2008 ele propõe que "a violência de gênero continua fazendo parte da nossa realidade porque as referências culturais se apresentam como parte de uma normalidade social que facilita aos homens agressores se comportar de forma violenta contra uma mulher." Lorente-Acosta, Miguel. (2008), *Op.Cit.*, p. 162. Este autor considera que estamos em um momento que ele qualifica de "póst-machismo" fazendo referência a que o machismo aparentemente desapareceu, mas realmente encontra-se disfarçado em diferentes e sutis formas de machismo. Por isso ele chama de pós - machismo.
5. Cito algumas dessas pesquisas: "Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução" – Núcleo de Estudos de População, NEPO, Universidade Estadual de Campinas, 1999 e "Sucede que me canso de ser homem... Relatos y Reflexiones sobre hombres y masculinidades en México". Amuchástegui, Ana y Szasz, Pianta (coords.), (2007), *Sucede que me canso de ser hombre...Relatos y reflexiones sobre hombres y masculinidades en México*, Mexico D.F, El Colegio de México, Centro de Estudios Demográficos, Urbanos y Ambientales.

riam em uma fase de transição entre um velho padrão para uma nova configuração de masculinidade. Existe, claro, a capacidade de agir e, portanto, a responsabilidade das ações individuais não pode se justificar somente pelos padrões culturais estabelecidos, refiro-me também aos padrões inconscientes. Assim, o objetivo da pesquisa que originou esta reflexão, foi desvendar nas narrativas de homens envolvidos em situações de violência de gênero, diferentes ângulos e contornos que dão conta das fissuras - das arranhaduras, dos ínfimos deslocamentos - desse padrão.

Interpretei narrativas de seis homens heterossexuais entre 30 e 60 anos que agrediram suas parceiras sentimentais, física, psicológica ou verbalmente. Porém, o fato deles terem agredido não reforçou sua virilidade, pelo contrário, fez com que eles se questionassem sobre o tipo de homem que foram se tornando através de diversos processos socio-culturais e familiares, e perguntassem se é possível transformar esse estereótipo tradicional de homem. A interpretação destas narrativas se retroalimenta com a etnografia que realizei em Recife (cidade brasileira que apresenta as maiores estatísticas sobre violência contra mulher) entre agosto e dezembro de 2007 e

posteriormente em outubro de 2008 - sobre o que eu considerei o *campo político e acadêmico das masculinidades* - e com as entrevistas que realizei com seis *homens feministas* engajados que lutam pelo fim da violência contra as mulheres.

Nesta reflexão sobre masculinidades e violência de gênero também levo em consideração o mundo masculino mais próximo, aquele que mora ao nosso redor, pois tende-se pensa no agressor como aquele monstro que bate nas mulheres nas periferias das grandes cidades ou nas afastadas áreas rurais, mas não se pensa nesse cotidiano opressor masculino que se recria e se alimenta na cotidianidade; não se pensa nessa normalidade, que assinala Arendt, presente em todos nós, e não só em aqueles considerados como violentos.

Por outro lado, falar de *crise das masculinidades* não é fácil; tal nomeação é questionada por alguns autores que assinalam o risco de vitimar aos homens a partir de uma postura *psicologizante*, que tipifica alguns comportamentos ou mudança dos homens e inaugura uma nova patologia. Os autores que assinalam este risco, perguntam-se: *De qual crise estamos falando? Da crise de*

6. Medrado, Benedito y Lyra, Jorge (2008, setembro – dezembro), “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”, Em: Estudos Feministas, Florianópolis, 16 [3]: 424.

*alguns homens no divã? Ou de uma crise generalizada dos homens?*⁶

Outros autores, pelo contrário, consideram muito importante que a crise das masculinidades exista como um fato reconhecido e acrescentam que se ela não existisse, seria importante começar a falar dela como se fosse uma realidade, para que apareça e possa ser aprofundada, visando uma transformação do modelo imperante de ser homem. Essa crise faz referência à ruptura com um paradigma tradicional de homem machista, que questiona o homem como o sujeito universal da história.⁷ Nesse sentido, concordo com Vincent-Marques ao acreditar que sim existe uma *crise*; e gostaria de contribuir ao falar dela aos quatro ventos para que o rumor ecoe por muitos cantos até que a crise seja reconhecida – como deve ser: como crise - e então os padrões que a originam sejam transformados. Essa crise das masculinidades, ainda surda e silenciosa, nos convoca a novas reflexões a todos nós: homens e mulheres.

Considero que essa crise atinge, especialmente, aos homens heterossexuais de mediana idade, aqueles considerados de idade matura, ou seja, na faixa dos trinta aos quarente anos em diante, e não tanto aos mais jovens. Trata-se da crise desses homens que ainda estão cobertos por

velhas roupagens culturais, como assinala o psicólogo argentino Sérgio Sinay no seu livro “A Masculinidade tóxica” (2006), quem considera que a forma como lhes ensinaram a serem homens, não tem mais jeito, pois ela está deixando aos homens numa profunda solidão.

Tal crise atinge especialmente aos homens heterossexuais, por que os homossexuais, nas suas amplas concepções e nomeações de opção sexual, como as mulheres, os negros, os indígenas e outras identidades socioculturais que historicamente estavam em um lugar de subalternidade, organizaram-se, questionaram e debateram os lugares sociais que ocupam no mundo; mas os homens heterossexuais ainda não o fizeram. Muitos deles, ainda se consideram o *sujeito histórico universal*, e, enquanto os demais vão se organizando, eles vão ficando sozinhos, e nessa solidão, ou melhor, nesse isolamento, seu velho modelo entra, via da regra, em crise, e então, em transformação. É por isso que considero um homem que espanca ou agride outros vistos como fracos, femininos, carentes ou menores, como um sujeito que tende a desaparecer, e então esse ex-agressor – agressor na memória de si mesmo e do agredido - terá de se amparar em novos elementos identitários.

7. Marques, Josep-Vincent. (1998), “Comentários ao capítulo: Construção social de la masculinidad en América Latina”, Em: Valdés, Teresa y Olavaria José. (edits.), *Masculinidad y Equidad de Género em América Latina*, Santiago, Chile, FLACSO-Chile, pp. 69-75.

1. Homens e Masculinidades: um campo em construção

A maioria dos estudos sobre masculinidades assinalam as *contradições de ser homem nas sociedades ocidentais contemporâneas* e desvelam a necessária transformação que os homens estão atravessando e que deveriam ter presentes em sua constituição como sujeitos sociais. Estes estudos começaram a surgir logo depois da década de setenta do século XX, quando o movimento feminista se projetou e adquiriu reconhecimento, pelos menos no mundo ocidental; muitos desses estudos foram iniciados pelos maridos ou parceiros das feministas mais engajadas da época. Considero este período como a *primeira onda dos estudos sobre masculinidades*, na qual a “construção social dos homens” começou ser uma preocupação junto com a *construção social das mulheres*.⁸ Vale dizer que se começa falar dos homens como uma categoria histórica particular e não como a categoria universal da história. Os homens como sujeito masculino.

Posteriormente, ao longo da década de noventa do século XX, estes estudos detalharam de maneira mais sofisticada diversas tipologias

de homens. Foi assim, que apareceram as categorias de masculinidade *hegemônica e subalterna*,⁹ propondo que os homens são diversos e que os rigores do patriarcalismo não recaíram só sobre as mulheres, mas sobre muitos homens que ficaram à margem daqueles identificados como brancos, heterossexuais, bem sucedidos e especialmente anglo-saxões; sendo a masculinidade chamada hegemônica: um modelo cultural que quase nenhum homem consegue atingir, gerando frustrações nos excluídos desse modelo.¹⁰

Os varões estão em crise! Essa parece ser a consigna que originou e acompanha hoje os estudos sobre as masculinidades ainda depois de varias décadas em que o tema começou-se gestar como um campo próprio dentro dos estudos de gênero. Muitos desses estudos assinalam as contradições de ser homem nas sociedades ocidentais contemporâneas e se focam, também, no exercício do poder e da violência na socialização de alguns varões. Vejamos a hipótese de Vale de Almeida em “Senhores de si” sobre a “masculinidade hegemônica” que serve para nossa aproximação neste campo.

8. *Ibid.*

9. Connell, Robert. (1995), *Masculinities*, Los Angeles, University of California Press, Berkeley.

10. *Ibid.*

Vale De Almeida, Miguel. (1995), *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século - Margens 5.

...a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser.¹¹

A vasta literatura sobre homens se foca, sobretudo, nos subalternos: *os pobres, negros, mulatos, mestiços, operários, homossexuais*, entre outros, que não por serem subalternos, deixam de ter um lugar hegemônico nos seus micro-espacos de atuação. Com esta caracterização apareceram novas possibilidades de

interpretação sobre as diversas “contradições de poder entre homens”: ao herdarem um modelo de dominação do masculino hegemônico, vivenciam um permanente paradoxo no seu cotidiano, pois, na realidade, eles não ostentam tal poder.¹² Considero esta perspectiva como a *segunda onda dos estudos sobre homens e masculinidades*.¹³

Vários autores consideram que, no caso da América Latina, os *estudos de masculinidades* surgiram em função da necessidade de compreender e combater a AIDS e como uma contribuição às discussões de classe social pós-crise no mercado de trabalho na década de oitenta, com a qual se reformulou o *papel social dos homens*. Posteriormente chegaram os estudos e as discussões sobre a *opção sexual*, as *violências masculinas* e a saúde dos homens; isto, especialmente depois de duas importantes e amplamente referenciadas conferências internacionais:

11. *Ibid.*, p. 17.

12. Kaufman, Michael. (1997), “Las experiencias contradictorias de poder entre los hombres”. En: Revista Masculinidades, Poder y Crisis, Santiago de Chile, Ediciones de los magos No. 24, Isis Internacional.

Kimmel, Michael. (2008), “Men in Women’s Worlds: How men can –and should– support gender equality”, Em: La igualdad no es una utopia. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres, Madrid, pp.139-145.

Gutmann Mathew y Viveros, Mara. (2007), “Masculinidades en América Latina”, En: Aguilar, Miguel Ángel y Reid, Anne. (Coords.), Tratado de Psicología Social: Perspectivas socioculturales, Barcelona: Anthropos editorial, México. UAM. Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, pp. 96- 120.

13. Existem vários artigos referidos ao tema da constituição do campo de estudos das masculinidades. Remeto o leitor: Medrado, Benedito y Lyra, Jorge (2008, setembro – dezembro), *Op.Cit.*

Souza, M., (2009, julho-dezembro), “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)”, In: Mediações, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 14 [2], pp. 123-144.

A IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, em 1994, no Cairo, e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em 1995, em Beijing, são marcos do debate sobre a importância do maior envolvimento dos homens, em especial no campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

Estes discursos estiveram precedidos, na literatura feminista, por historiadoras, antropólogas e filósofas que abriram o leque nos estudos das mulheres para compreender as relações entre os gêneros, propondo desde esse momento, a importância dos estudos relacionais e aprofundando no que ficou conhecido como o “feminismo da diferença” que valoriza as diferenças entre os gêneros, e não tanto o “feminismo da igualdade” que se focava mais na igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Considero que agora estamos na terceira onda dos estudos sobre as masculinidades e nessa terceira onda as pesquisas focam os homens não só como aqueles que geram *problemas*, especialmente às mulheres, mas como sujeitos sociais particulares que se tornam objetos de pesquisa e reflexão.

As categorias *homem e masculino* começaram ser estudadas por suas inserções e desconstruções sociais, históricas e culturais. E então, começa-se pesquisar as *masculinidades* no plural. No entanto, persiste o domínio da *masculinidade hegemônica*, que se impõe à *subalterna* através de relações de dominação, exploração e intimidação, mas sendo o *gênero* um conceito *dinâmico*¹⁴ é preciso que se considere que esse controle não é total, ainda mais na perspectiva de Butler, para quem o conceito de gênero é *performativo*, ou seja, não obedece somente a condicionamentos biológicos e, inclusive, nem culturais, mas ao âmbito da subjetivação.¹⁵

Esses diversos estudos também têm contribuído para desmistificar um homem onipotente; desta forma, os véus da virilidade começaram ruir por conta própria. Por razões óbvias ser um homem tradicional, nos inalcançáveis padrões patriarcais, é uma máscara de ferro. E, no caso dos homens agressores, não há por detrás dessa máscara, o “monstro” que todos esperamos encontrar – parodiando Hannah Arendt ao encontrar Eichmann - e sim um homem *comum*, um homem *normal*. É frequente encontrar nas pesquisas sobre

14. Connell, Robert. (1995), Op.Cit.

15. Butler, Judith. (2001), El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad, México, Editorial Paidós mexicana.

a socialização dos meninos diversas proibições que, aos poucos, edificaram e edificam a personalidade dos homens e uma negação permanente de responder a estímulos sensoriais, às emoções, aos sentimentos como ficar triste, chorar, se queixar e demonstrar afeto; essas interdições põem em risco, como é obvio, a saúde física e psíquica dos homens.¹⁶

São inúmeros os relatos de meninos que não choraram diante de um soco, -ainda que morrendo de dor-; de homens que brigam entre si para *obter respeito*, de idosos morrendo de câncer de próstata para proteger a honra que um exame de toque questionaria, de pais de família que se suicidaram para salvar a casa da hipoteca do banco e proteger, não só, o patrimônio familiar, mas sua reputação enquanto provedores. São múltiplos os relatos de homens que conheceram meretrizes em sua tenra idade pela incapacidade de vivenciar a sexualidade com uma namorada e pela exigência de ter que demonstrar essa experiência; homens que aceitaram provas de masculinidade à custa da saúde; enfim, homens que ficam

sozinhos, doentes e que, até mesmo morreram por serem homens!¹⁷

Duvidar e questionar esse mundo masculino de forças, provas, demonstrações e exigências constantes são exercícios que abrem portas para novos conhecimentos. A partir daí enuncia-se a importância de pensar como esses meninos tornaram-se homens. O que faz um homem: “homem”. Pensar também se a categoria de masculinidade é própria só dos homens. Questionar quem são esses que instigam outros serem homens e por que. Refletir se há algo que os homens tenham em comum. E refletir também como é julgado os erros dos homens e, quem se arroga o direito de julgar tais erros. E, em particular, compreender por que o masculino agride o feminino ou feminilizado.¹⁸

2. Violências Masculinas

Grande parte dos estudos das masculinidades nos últimos vinte anos é dedicada ao tema das diversas *violências masculinas*, no plural, tanto aquela que implica os jovens como vítimas, - que é a maioria se

16. Valdés, Teresa e Olavarria, José. (eds.), (1998), *Masculinidades y equidad de género en América Latina*, Santiago, Chile, FLACSO-Chile, Serie Libros FLACSO, p. 284.

Gutmann Mathew y Viveros, Mara. (2007), *Op.Cit.*

Amuchástegui, Ana y Szasz, Pianta (coords.), (2007), *Op.Cit.*

17. Nolasco, Sócrates. (2001), *De Tarzan a Homero Simpson: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*, Rio de Janeiro, Rocco.

18. Cornwall, Andrea y Lindisfarne, Nancy. (1994), “Dislocating masculinity: Gender, Power and anthropology”, In: *Dislocating masculinity, comparative ethnographies*, Routledge, London and New York, p. 12.

medido em taxas de mortalidade-, quanto aquelas nas quais os homens são os agressores, tema que aqui nos ocupa. Vários autores discutem que ao estudar o tema dessas violências masculinas, devem-se levar em consideração que os homens são as principais vítimas mortais das distintas formas de violência. São os homens que nutrem os diferentes exércitos, e alimentam também as distintas manifestações de violência urbana associadas a redes de narcotráfico e delinquência comum. E essa participação dos homens nas distintas formas de violência, indica algo importante sobre a socialização masculina. Sobre os homens como as principais vítimas das diversas formas de violência, o psicólogo brasileiro Sócrates Nolasco considera que:

Os homens têm uma expectativa de vida menor que as mulheres; são cerca de 90% do contingente carcerário; morrem mais em acidentes de trânsito, por ingestão de álcool e drogas; e cometem mais suicídios que as mulheres.¹⁹

Este panorama é ainda mais crítico nos bairros de baixa renda nos quais a violência, associada a redes de delinquência comum e de narco-

tráfico, entre outros aspectos, é uma realidade constante no cotidiano. As famílias vivem a apreensão permanente de que seus filhos-homens possam ser vítimas do contexto social local, e inclusive, que a violência comece a ser parte do *processo de construção de identidade masculina* dos seus filhos. São realidades sociais nas quais as opções para os jovens são mais reduzidas do que em outros contextos sociais.²⁰

No ano 2010 gerou ampla polémica em Pereira, - pequena cidade da Colômbia e tristemente reconhecida por ser exportadora de prostitutas e delinquentes, especialmente para Espanha -, o documentário sobre os *baby-sicários*, (meninos-assassinos de aluguel), realizado pelo Canal Quatro da Espanha, sobre a situação dos meninos, cada vez mais novos, usados pelo narcotráfico para o *ajuste de contas*; já que eles não vão ser julgados pela justiça de adultos. Nada que não conheçamos sobre a situação dos meninos nas favelas de Rio de Janeiro, ou nas periferias de outras cidades brasileiras, recriados através de filmes como “Cidade de Deus”, “Estação Central do Brasil” ou “Capitães de Areia”, inspirado no Livro de Jorge Amado que leva o mesmo nome.

19. Nolasco, Sócrates. (2001), Op.Cit., p. 13.

20. Urrea, Fernando y Quintin, Pedro. (2000, agosto), “Jóvenes negros de Barriadas populares em Cali: Entre masculinidades hegemónicas y marginales”, Informe Final. Proyecto Masculinidades, Cali, CIDSE, Centro de Investigaciones y Documentación Socioeconómica, Universidad del Valle.

Ao considerar que o sistema patriarcal está baseado nos padrões de *masculinidades hegemônicas*, parto do principio de que a relação dos homens com a violência, ora como vítimas, ora como agressores, responde a esse modelo de masculinidade hegemônica, no qual se rejeita a possibilidade de ficar na marginalidade e se luta por expressar não só virilidade, mas hegemonia. Sobre os homens como atores em situações de violência, Nolasco propõe que seu envolvimento está caracterizado por três variáveis na passagem de sociedades tradicionais para as sociedades complexas contemporâneas e ocidentais. Vejamos:

[1] (...) a mudança do eixo do valor social da hierarquia para o indivíduo; [2] a diminuição dos níveis de responsabilidade das sociedades modernas e individualistas na regulação dos modos de reconhecimento e inserção social do sujeito; e, por fim, [3] o impacto gerado por ambos no processo de subjetivação.²¹

O autor considera que a *violência masculina* se relaciona com o esforço de alguns homens por adequar-se ao estereótipo de homem da cultura da qual ele faz parte, e em tal processo a violência se *banaliza*,

perdendo de modo irreversível sua originária associação com o *sagrado*; compreendendo o sagrado como a participação dos homens na guerra pela defesa da honra, da pátria e do bem coletivo. Esse fenômeno de banalização se manifesta em diferentes países ocidentais, nos quais os homens agem violentamente muito mais nos espaços íntimos que nos espaços públicos, ou seja, eles exercitam distorcidamente a força outra usada com fins maiores. Esta seria uma característica das ações violentas dos homens nas sociedades modernas: a *perda do sagrado*, a perda da luta pelo bem coletivo.²²

Sobre esse modelo de *violência masculina* nas sociedades modernas, muitas são as pesquisas que caracterizam o homem violento como responsável pela manutenção da ordem no espaço íntimo. Não somente o pai de família que quer manter a ordem no lar – e não através de exemplos, mas pela imposição – senão, *homens comuns* que nas ruas pretendem endireitar à mulher torta, julgada assim por diferentes comportamentos: desde usar saia curta *até ousar* concorrer com eles. A socióloga brasileira Lia Zanota Machado destaca na sua pesquisa sobre *crimes de estupro* que os homens agressores argumentaram estar *corrigindo a mulher*

21. Nolasco, Sócrates. (2001), Op.Cit., p. 14.

22. *Ibid.*

desobediente, por situações que eles julgaram como provocadoras ou insinuantes; desta forma a autora considera que a violência aparece como um exercício disciplinar.²³

Em outros debates, pesquisadores mexicanos chamam a atenção para equação segundo a qual a violência masculina é igual à virilidade na sua máxima potência; consideram que muito embora exista o perfil de homens agressores, violentos e brutos que pretendem impor-se pela força, existe também o risco de generalizar a perspectiva sobre a violência masculina justamente no momento em que os estudos sobre masculinidades pretendem desconstruir os estereótipos de tais modelos.²⁴

No número três da revista “*La manzana: Revista Interdisciplinar de Estudios sobre Masculinidades*” os autores visam “des - naturalizar” a relação que, às vezes, parece intrínseca entre homens e violência. Os resultados das pesquisas apresentados neste número discorrem sobre diversos cenários das masculinidades: nos

bairros de baixa renda, nas relações de trabalho, nas relações de poder nas universidades, nos relacionamentos amorosos e em âmbitos familiares, nos quais é necessário e pertinente reconhecer o “homem” como uma categoria emergente que precisa ser estudada. Com essa publicação, a equipe pretende contribuir com as discussões sobre violência de gênero e incidir na formulação de políticas públicas que visem transformar tal situação a partir das reflexões teóricas, questionando o fato de que *violência masculina não se iguala à virilidade*, tal como se considera ainda em amplas camadas sociais.²⁵

Por outro lado, algumas autoras advertem para o perigo de cair no extremo oposto da interpretação das violências masculinas: aquele de *vitimizar* os homens em situações de violência; já que algumas pesquisas apontam que os homens violentos respondem a um modelo de masculinidade imposta e desta forma suas responsabilidades individuais no exercício da violência não seriam as-

23. Machado, Lia Zanota. (2001), Masculinidades e violências. Gênero e Mal-estar na sociedade contemporânea, Brasília, Serie Antropológica, 290, p. 10.

24. Realizaram-se em 2006 no México o “II Colóquio Internacional de Estudios sobre homens e masculinidades: Violencia: ¿El juego del hombre?” e o “I Congreso Nacional de la Academia Mexicana de Estudios de Género de los Homens”; nesses eventos foram discutidos amplamente os diversos modelos de masculinidade; é preciso levar em conta para compreendermos a importância disso que o México é reconhecidamente um país machista e, todavia, a partir de reflexões acadêmicas, consegue pensar sobre si mesmo e compreender as razões históricas do seu machismo para revê-lo e transformá-lo.

25. Ramírez Rodríguez, Juan Carlos e Hartog, Guitté. (2007, julio-septiembre), “La Manzana”, Em: Revista Internacional de estudios sobre masculinidades, Volumen II, Número 3.

sumidas, mas vistas como uma consequência de tal modelo.²⁶ Perspectiva que não pretende jogar a culpa da violência masculina somente nos homens como sujeitos individuais, mas adverte para não fazer aquilo que tem sido feito, querendo ou não, com as mulheres em estudos sobre violência conjugal ou violência doméstica que é: vitimá-las.

Nem vítimas nem algozes, os homens agressores demandam perguntas e interpretação. Exigem o exercício do pensamento. Estudo a violência masculina a partir dos relacionamentos que homens e mulheres estabeleceram, nos quais, agressão e vitimização devem ser vistos a partir de uma *perspectiva relacional*. Quer dizer, não só existem homens violentos e mulheres agredidas, mas relacionamentos violentos; que tem na base da sua configuração a violência como convidada, às vezes direta e outras implicitamente; nesta perspectiva a violência é relacional.²⁷ Os homens em situações de violência de gênero não são categorias fixas.

Algumas das características da *crise das masculinidades* seriam os múltiplos e inquietantes silêncios dos homens, os medos disfarçados

de raiva, os sentimentos reprimidos e a incapacidade de nomeá-los. Não se desconhece, é claro, que existam situações limites, nas quais as mulheres são mais vulneráveis às distintas formas de violência. Porém, é necessário compreender essas diversas situações da chamada violência de gênero a partir da perspectiva de homens que se consideram em transformação e que se enquadram também na *crise do homem na modernidade*. Estou pensando a *crise do homem ou da masculinidade moderna ocidental* pelo avesso, pelas lesões no figurino, um figurino que parecia ser de aço, e tentamos compreendê-la na *crise da modernidade*. Esse homem já não é mais, ou não pode seguir sendo, o homem dos três P: *Provedor, Protetor, Penetrador*. Esse homem que grita, ofende, bate, arrasa está em crise, e os sobreviventes estão virando *bichos* estranhos. Alguns homens bateram e, infelizmente continuam batendo e agredindo; outros agrediram, pararam e pensaram, outros ainda se organizaram e rejeitaram fazer parte desse grupo de homens. Eis como a questão está em curso.

26. Pinheiros, Sandra Maria e Carloto Cássia Maria. (2007, Dezembro), "Violência doméstica, homens e masculinidades", Em: Revista Virtual Textos & Contextos, No. 8.

27. Gregori, Maria Filomena. (2003), "Relações de violência e erotismo", Em: Cadernos Pagú (20).

3. Socialização e normalidade

Quais e como são os lugares de encontro dos homens? Estão os homens fomentando ou criando novos e diferentes espaços de encontro? Rompem com os espaços tradicionais? Ou, pelo contrário os espaços tradicionais de sociabilidades masculinas se perpetuam? Tentando apreender os processos de formação e educação dos meninos, nos quais há incorporação de regras, celebração de ritos de passagem e, no geral, entrada ao mundo dos homens que dá origem à construção de certos espaços de encontro e à constituição de certo tipo de relacionamentos tanto com suas parceiras quanto com seus pares, considerei pertinente refletir sobre os rastros de normalidade na socialização masculina para enxergar nesse processo as bases psíquicas e simbólicas das futuras violências masculinas.

Nas pesquisas sobre socialização masculina é amplamente colocado que, no paradigma tradicional, os meninos são educados para ostentar poder quando necessário, não chorando, fazendo-se de fortes e negando as suas emoções, negando, em fim, tudo o que represente o mundo feminino.²⁸ Também é discutido que

é mais importante para os homens do que para as mulheres, afastar-se do leito materno e diferenciar-se desse mundo de cuidados e atenções que representa o âmbito da mãe para construir uma identidade masculina.

Segundo esta perspectiva, para os homens é mais difícil a constituição de uma identidade masculina, do que para as mulheres a constituição de uma identidade feminina, precisamente pelas exigências sociais que lhe são impostas desde a infância. Os meninos têm de demonstrar desde muito cedo que não são meninas, que não têm comportamentos de meninas. Isso é uma exigência feita a través de jogos e brincadeiras na infância e depois é reforçado na adolescência e na juventude a través dos distintos espaços de interação que eles têm. Nos jogos de contato são comuns os insultos feminilizantes para exigir um bom desempenho. E assim, vai se constituindo uma socialização masculina na *normalidade*, onde a ostentação de força e de violência são uma constante, base cultural da futura violência explícita.

As interações construídas nesses espaços de encontro, de troca, de amizade e de partilha são constitutivas da sociabilidade masculina; são espaços onde os homens recriam sua

28. Welzer-Lang, Daniel. (2001), "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia", In: Estudos Feministas, Vol. 9, No. 2, pp. 460-482.

masculinidade no meio de *funções sociais instituídas*. A sociabilidade pode-se manifestar em espaços públicos frequentados por homens como o futebol – não só assistindo ao jogo no campo, mas como prática presente em qualquer lugar- os bares, as sinucas, os clubes, a rua, o trabalho, as academias de musculação, as boates, entre outros, nos quais se re-produz um modelo de ser homem. É claro que estes espaços também podem e, aliás, são frequentados por mulheres, mas eles têm se constituído dentro das características atribuíveis ao masculino.²⁹

Em muitos desses espaços há códigos e se criam gestos que só partilham e compreendem os homens. Há acordos implícitos do que deve ser um homem e como ele deve-se comportar, e, no caso não saiba eis um bom lugar para aprender e aperfeiçoar. Se um homem decide ficar por fora destes condicionamentos masculinos é possível que ele seja duramente julgado de ser pouco homem, vale dizer, heterossexual, e ser ofendido com insultos homofóbicos e feminilizantes. Cientes de que essa

é uma realidade que esta mudando na contemporaneidade, é importante levar em consideração que ainda hoje é marcante na educação dos meninos.³⁰

Na pesquisa de Patrícia Costa sobre a construção da masculinidade no marco do trabalho escravo contemporâneo no Brasil, a autora retrata uma brutal cena de violência masculina sexual, psicológica e simbólica por parte de um funcionário superior contra um peão que fugiu. O Funcionário obrigou ao peão a fazer-lhe sexo oral na frente de todos os colegas. A autora indica que esta punição é eficaz justamente porque é um castigo que *feminiliza* o infrator, e o funcionário que o castiga *partilha do universo dos valores* do punido, por tanto, sabe que a melhor punição é ser despojado da sua virilidade. “*Se as surras podem, de algum modo, reforçar a virilidade dos trabalhadores que a suportam, a violência sexual pode destruí-la...*”.³¹ Outras pesquisas também fazem referência a este tipo de castigos feminilizantes para os homens, especialmente nos exércitos e em situações de guerra.³²

29. Oliveira, Pedro Paulo de. (2004), *A construção social da Masculinidade*, Belo Horizonte, Ed. Universidade Federal de Minas Gerais; Rio de Janeiro, IUPERJ.

30. Welzer-Lang, Daniel. (2001), *Op.Cit.*

31. Costa, Patrícia Trindade Maranhão. (2008, julho-dezembro), “A construção da masculinidade e a banalidade do mal: outros aspectos do trabalho escravo contemporâneo”, Em: *Cadernos Pagú* (31), p. 197.

32. Nolasco, Sócrates. (2001), *Op.Cit.*

Oliveira, Pedro Paulo de. (2004), *Op.Cit.*

Em uma pesquisa realizada na Colômbia pela antropóloga Mara Viveros em duas cidades do interior a autora encontrou que a prova da masculinidade para alguns homens é a capacidade de *conquistar* muitas mulheres, eles são reconhecidos como os “*quebradores*”. Quebrar faz referência a ter intimidade sexual com uma mulher. E para outros homens a prova da masculinidade é a capacidade de sustentar economicamente uma família, eles são os “*cumpridores*”. Segundo esta pesquisa, entre “quebradores e cumpridores” a masculinidade vai-se constituindo de geração em geração. Esta caracterização se corresponde com o estereotipo do homem dos três P: o homem penetrador, protetor e provedor. Os diversos estudos sobre homens assinalam diferentes formas de viver e constituir a masculinidade e embora muitos destes estudos considerem que o caminho trilhado pelos homens é difícil e doloroso, outros destacam que muitos homens manifestem-se felizes de ter nascido homens, como se afirma em uma pesquisa feita no Chile.³³

A força masculina não é só física. Ela pode ser fortaleza emocional, psíquica e capacidade para enfrentar situações difíceis. Arriscar-se e aventurar-se seriam também condições necessárias para encontrar no-

vos mundos, e de novo, não são condição só dos homens, embora possa ser masculina. Começar a visualizar as transformações nos processos das diversas masculinidades abre portas para outros olhares da agência humana. E voltando as questões iniciais que se colocaram ao começo deste capítulo, se consideram que os espaços de encontro dos homens são tão diversos como eles mesmos.

Alguns homens, como os feministas, estão fomentando e criando novos espaços de encontro e rejeitam até nas falas ocasionais piadas e comentários que sejam preconceituosos das mulheres e dos homossexuais. Para outros homens é mais difícil romper com o tradicional, especialmente quando não se tem uma reflexão ao respeito, mas isto não quer dizer que esses homens não enxerguem as necessidades de transformação e ainda reproduzindo-as seja possível uma mudança. Acredito que a mudança dessa *assustadora normalidade*, que assinala Arendt, base psíquica e simbólica das distintas manifestações da violência, esta na construção de um novo modelo educativo onde os mundos masculinos e femininos se articulem, se reconheçam, se respeitem e se integrem mantendo as diferenças e não insistindo nas desigualdades.

33. Valdés, Teresa e Olavarria, José. (edits.), (1998), Op.Cit.

Bibliografía

- Amuchástegui, Ana y Szasz, Pianta (coords.), (2007), *Sucede que me canso de ser hombre...Relatos y reflexiones sobre hombres y masculinidades en México*, Mexico D.F, El colegio de México, Centro de estudios demográficos, urbanos y ambientales.
- Arendt, Hannah. (1999), *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Butler, Judith. (2001), *El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*, México, Editorial Paidós mexicana.
- Cornwall, Andrea y Lindisfarne, Nancy. (1994), "Dislocating masculinity: Gender, Power and anthropology", In: *Dislocating masculinity, comparative ethnographies*, Routledge, London and New York.
- Connell, Robert. (1995), *Masculinities*, Los Angeles, University of California Press, Berkeley.
- Costa, Patrícia Trindade Maranhão. (2008, julho-dezembro), "A construção da masculinidade e a banalidade do mal: outros aspectos do trabalho escravo contemporâneo", Em: *Cadernos Pagú* (31), pp: 173- 198.
- Da Silva, Cristina María. (2009), "Rastros das socialidades. Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Rufatto", Campinas, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.
- De Oliveira, Maria Coleta Ferreira Albino (Pesquisadora-Coordenadora), (1999), "Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução", Campinas, Pesquisa do Núcleo de Estudos de População, NEPO, Universidade Estadual de Campinas.
- Gregori, Maria Filomena. (2003), "Relações de violência e erotismo", Em: *Cadernos Pagú* (20).
- _____ (1992), *Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*, São Paulo, Paz e Terra.
- _____ (2005), "Feixes, Paralelismo e Entraves: as Delegacias de defesa da mulher em São Paulo e as Instituições", Campinas, Documentos IFCH-UNICAMP, No. 132.
- Gutmann Mathew y Viveros, Mara. (2007), "Masculinidades en

- América Latina”, En: Aguilar, Miguel Ángel y Reid, Anne. (Coords.), *Tratado de Psicología Social: Perspectivas socioculturales*, Barcelona: Anthropos editorial, México. UAM. Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, pp. 96- 120.
- Kaufman, Michael. (1997), “Las experiencias contradictorias de poder entre los hombres”. En: *Revista Masculinidades, Poder y Crisis*, Santiago de Chile, Ediciones de los magos No. 24, Isis Internacional.
- Kimmel, Michael. (2008), “Men in Women’s Worlds: How men can –and should- support gender equality”, Em: *La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres*, Madrid, pp.139-145.
- Lorente-Acosta, Miguel. (2001), *Mi Marido me pega lo normal. Agresión a la mujer realidades y mitos*, Barcelona, Editorial Ares y Mares.
- _____ (2008), “El agresor de género: acciones y reacciones del posmachismo”. *La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres*, Madrid, pp.162-177.
- Machado, Lia Zanota. (2001), *Masculinidades e violências. Gênero e Mal-estar na sociedade contemporânea*, Brasília, Serie Antropológica, 290.
- Marques, Josep-Vincent. (1998), “Comentários ao capítulo: Construção social de la masculinidad en América Latina”, Em: Valdés, Teresa y Olavaria José. (edits.), *Masculinidade y Equidad de Género em América Latina*, Santiago, Chile, FLACSO-Chile, pp. 69-75.
- Medrado, Benedito. (2007), *Violência contra mulheres e saúde mental: Análise de programas de atendimento a homens autores de violência. Projeto CNPq. Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFPE*.
- _____ y Lyra, Jorge (2008, setembro – dezembro), “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”, Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 [3]: 424.
- Nolasco, Sócrates. (2001), *De Tarzan a Homero Simpson: Banalização e violência masculina em*

- sociedades contemporâneas ocidentais*, Rio de Janeiro, Rocco.
- Oliveira, Pedro Paulo de. (2004), *A construção social da Masculinidade*, Belo Horizonte, Ed. Universidade Federal de Minas Gerais; Rio de Janeiro, IUPERJ.
- Pinheiros, Sandra Maria e Carloto Cássia Maria. (2007, Dezembro), “Violência doméstica, homens e masculinidades”, Em: *Revista Virtual Textos & Contextos*, No. 8.
- Ramírez Rodríguez, Juan Carlos e Hartog, Guitté. (2007, julio-septiembre), “La Manzana”, Em: *Revista Internacional de estudios sobre masculinidades*, Volumen II, Número 3.
- Siquiera, Maria Juracy Toneli. (1997), “A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão,” Em: *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, Vol. 8 Núm.1.
- SOUZA, M., (2009, julho-dezembro), “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)”, In: *Mediações*, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 14 [2], pp. 123-144.
- Subirats, Marina. (2008), “La masculinidad hoy: un género obsoleto”. *La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos*, Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres, Madrid, pp.310-322.
- Urrea, Fernando y Quintin, Pedro. (2000, agosto), “Jóvenes negros de Barriadas populares em Cali: Entre masculinidades hegemónicas y marginales”, *Informe Final. Proyecto Masculinidades*, Cali, CIDSE, Centro de Investigaciones y Documentación Socioeconómica, Universidad del Valle.
- Valdés, Teresa e Olavarria, José. (edits.), (1998), *Masculinidades y equidad de género en América Latina*, Santiago, Chile, FLACSO-Chile, Serie Libros FLACSO, p. 284.
- Vale De Almeida, Miguel. (1995), *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século - Margens 5.
- Wade, Peter. (1995), “Man the Hunter. Gender and violence in music and drinking contexts in Colombia”, Em: Gow, Peter e P. Harvey

(edits), *Sex and violence. Issues in representation and experience*, Routledge, London and New York.

Welzer-Lang, Daniel. (2001), “A construção do masculino: dominação das mulheres e homo-

fobia”, In: *Estudos Feministas*, Vol. 9, No. 2, pp. 460-482.

Zimmermann, Tânia Regina e De Medeiros, Márcia Maria. (2004), “Biografia e Gênero: repensando o feminino”, Em: *Re-*